



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC

Racismo na Mídia:
Uma análise da cobertura do técnico Andrade

Raíssa Gomes Muniz

Brasília, Julho de 2011

**Racismo na Mídia:
Uma análise da cobertura do técnico Andrade**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldês
Universidade de Brasília (UnB)
Orientadora

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Janara Sousa
Universidade de Brasília (UnB)

Racismo na Mídia: Uma análise da cobertura do técnico Andrade¹

Raíssa Gomes Muniz²

RESUMO

Este artigo analisa e discute a possibilidade de se fazer jornalismo onde o racismo seja abordado de maneira crítica. Utiliza a Análise de Conteúdo para verificar a cobertura da mídia sobre um personagem negro emblemático na história do futebol brasileiro, o técnico Andrade, e como a sua negritude aparece ou não nesta cobertura.

Palavras-chave: jornalismo, racismo, negritude.

1 Artigo apresentado para obtenção do título de Graduada em Comunicação Social, sob orientação da professora Elen Cristina Gerales.

2 Graduanda em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Apresentação

Discutir a abordagem do negro na mídia não é, por assim dizer, uma novidade. No entanto, essas discussões passaram ao largo de toda a minha formação acadêmica formal dentro do curso de Jornalismo. Em boa parte das disciplinas o racismo e a questão racial eram sempre tratados de maneira superficial – quando chegavam a ser tratados. As dúvidas e os questionamentos sobre a existência do racismo feitas a mim em vários momentos da minha ainda curta existência me levaram a buscar respostas mais contundentes, que viessem de outras experiências, além das minhas particulares.

Quando comecei a atuar como estagiária no Jornalismo de redação, ouvi em vários momentos que eu estava entrando na profissão errada. Acredito que vários colegas devem ter ouvido a mesma afirmação de jornalistas veteranos. “É uma profissão que paga pouco”, “Você não tem feriados e trabalha demais”, esses e outros conselhos eu já tinha ouvido, até mesmo de professores dentro da faculdade, num misto de orgulho de ser um mártir da profissão e até mesmo a simples função de passar a adiante aqueles conselhos que devem ter ouvido dos que vieram antes. Mas a mim, a justificativa era outra: “Você não tem cara de jornalista, deveria ser *top model* com esse cabelo *black power*.”

O “conselho” que ouvi dentro de redações e comitês de imprensa, vinham de jornalistas que estamos acostumados a ver, ler e ouvir diariamente e que não se constrangeram em momento algum, de manifestar abertamente e de maneira “cordial” - para alguns, mas não para mim – que o lugar de jornalista não me pertencia. Se a visão de quem “faz” a notícia é a de que o meu lugar de mulher negra não cabia dentro das redações, caberia dentro das notícias?

Analisar a discussão – ou a invisibilização - do racismo na cobertura jornalística, frente a um momento histórico do futebol brasileiro - a primeira conquista do campeonato brasileiro por um time comandado por um treinador negro - foi uma definição que apareceu depois. A união de duas questões fortemente ligadas à identidade brasileira: futebol e racismo, não poderia passar em branco na cobertura jornalística. Pelo menos foi o que me pareceu, quando em setembro de 2010, assisti a uma reportagem de Régis Rösing no programa Esporte Espetacular, da TV Globo, que tratava do desemprego de Andrade e questionava se o racismo não seria uma das causas dessa condição. Foi dessa reflexão que foi escolhido o objeto de pesquisa, a ser explicado no primeiro tópico.

No segundo, será feita uma abordagem teórica, tendo como foco: Mídia e racismo, Valores-notícia e racismo e Racismo e agenda-setting, utilizando Joel Zito Araújo, Thaís de Mendonça Jorge e Mauro Wolf, entre outros.

O terceiro tópico fará a demonstração e análise dos dados coletados na pesquisa, ainda utilizando referenciais teóricos importantes como Muniz Sodré.

Andrade, o treinador.

Jorge Luís Andrade da Silva é um personagem emblemático da história do futebol. Seis vezes campeão brasileiro, sendo uma pelo Vasco da Gama em 1989 e cinco pelo Flamengo, a mais recente delas, em 2009, como treinador. É um feito inédito na história do futebol brasileiro.

Andrade, como é conhecido, começou nas categorias de base do Flamengo aos 16 anos de idade, após sair de Minas Gerais em busca do sonho de ser jogador de futebol e comprar uma casa para a mãe. Deixando pra trás a infância pobre, despontou e ficou no clube por muitos anos, intercalados com passagens pela Venezuela e pela Itália, onde jogou por pouco tempo na Roma.

A sua mais recente conquista com o Flamengo, em 2009, -foi cheia de percalços. Andrade foi auxiliar técnico do clube durante sete anos_acompanhou onze treinadores que comandaram o time neste período e teve a oportunidade de conduzi-l_ono campeonato brasileiro. Não foi a primeira vez que ele assumiu o clube.. Somente em 2004, Andrade assumiu o comando do time após as saídas de Ricardo Gomes, Abel Braga e Paulo César Gusmão.

Em 2005, ele assumiu após a saída de Cuca, durante a Copa do Brasil, devido aos resultados considerados insatisfatórios pela diretoria do clube. Cuca retornou ao Flamengo em 2009, e foi quando ele saiu novamente, que Andrade teve a oportunidade de comandar o time por um período mais longo. Foi a primeira vez que Andrade foi efetivado como treinador. Não sem antes a diretoria do time tentar, de várias maneiras, encontrar outro nome para substituir Cuca. Mas com a má fase daquele ano, foi muito difícil encontrar quem aceitasse o desafio.

Para Andrade não era questão de aceitar desafios, mas de aproveitar a oportunidade. A diretoria entendeu que, desta vez, o “eterno interino”, como já havia sido chamado em reportagens, seria a melhor opção para o clube, inclusive economicamente, já que receberia apenas R\$ 50 mil para tentar tirar o Flamengo do rebaixamento. Nenhum treinador de renome e com condições de tirar o time das garras da segunda divisão se arriscaria por menos de R\$ 300 mil.

Andrade foi efetivado no cargo de técnico do Flamengo e, nas palavras dele próprio³, teve autonomia total para escalar o jogador que desejasse. “Podia ser o roupeiro, o massagista ou o fisiologista”, Marcos Braz queria resultados.

Vitórias após vitórias, o treinador, que já era ídolo como jogador, caiu no gosto da torcida e levou o Flamengo ao topo da tabela do campeonato. O time dirigido por Andrade foi campeão e o caminho natural seria que ele continuasse como técnico do Flamengo ou fosse totalmente bombardeado por outros times, com propostas de salários altíssimas para que operasse o milagre rubro-negro em outros times. Mas não foi o que aconteceu.

Após a conquista do campeonato brasileiro, a nova presidência do Flamengo foi eleita e Patrícia Amorim, ex-vereadora, assumiu o comando do clube. A partir de então, a autonomia de antes não se perpetuou e o salário desejado por Andrade, R\$ 200 mil reais, bem abaixo do que se paga aos treinadores de times de vulto como o Flamengo, foi considerado alto pela diretoria, que queria oferecer R\$ 110 mil.

Em abril de 2010, Andrade foi demitido por Patrícia Amorim, juntamente com o vice-diretor de futebol, Marcos Braz, e o diretor de futebol, Eduardo Manhães. A diretoria tinha como foco o treinador Joel Santana, a quem ofereceu a proposta inicial de R\$ 280 mil mensais. Joel preferiu continuar no Botafogo.

Durante os cinco meses que se seguiram à demissão de Andrade, ele ficou desempregado. Algumas ligações, algumas tentativas de negociação, mas nada concretizado. Os jornais, que na vitória do campeonato brasileiro lembraram em alguns momentos que se tratava do primeiro treinador negro a ser campeão brasileiro, e chegaram a publicar matérias nas quais Andrade afirmava ter sofrido racismo dentro do Flamengo, agora não mais lembravam nem de Andrade, nem

3 [Em entrevista à autora em 09/04/2011.](#)

de sua cor. E também não pareciam questionar o fato de um treinador campeão brasileiro estar há tanto tempo desempregado.

Em setembro de 2010, Andrade fechou, sem contrato, acordo com o Brasiense, time da Série B do campeonato Brasileiro, à beira de uma crise contra o rebaixamento. Permaneceu dois meses no clube de Luiz Estevão, e, como não conseguiu evitar o rebaixamento, foi dispensado.

Desde então Andrade não foi contratado por nenhum time, embora algumas sondagens tenham sido feitas.

Como foi a cobertura da mídia durante o período citado acima? A questão racial aparecia nas reportagens? Algum episódio de racismo foi retratado ou ficou visível em alguma reportagem? Foram estas questões que motivaram a presente pesquisa.

Metodologia

Para descobrir como – ou se – o racismo apareceu na cobertura do técnico Andrade, optei por fazer uma análise de conteúdo, que objetiva exatamente o que eu pretendo nesta pesquisa:

a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.
(BARDIN, 2010)

Em outras palavras, analisar as matérias que tinham Andrade como personagem, para inferir sobre o racismo na mídia, já que eu acreditava que o racismo era pouco abordado nas reportagens, mas não sabia dizer em que medida, questionamento que também encontrei em BARDIN (2010):

De uma maneira geral pode dizer-se que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo corresponde aos objectivos seguintes: - a superação da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?

A presente pesquisa se constitui como a análise de três sites de jornalismo esportivo brasileiro na internet. São eles, o site Globoesporte.com, ligado à Rede Globo; o Lancenet.com.br, do jornal Lance! e o UOL Esportes, ligado à Folha de São Paulo. Optei por analisar a cobertura de

portais na internet porque a cobertura é mais dinâmica do que a de televisão e jornais impresso, o que me dá um espectro maior de análise, além possibilitar uma localização mais fácil das matérias.

Antes de iniciar a pesquisa nos sites, fiz uma longa entrevista com o técnico Andrade, a fim de compreender sua trajetória de vida, sua história como jogador e treinador, além de tentar entender como funcionava o relacionamento entre ele e a mídia. O objetivo da pesquisa, até então, era produzir um livro-reportagem que apresentasse essa trajetória como fio condutor de uma narrativa sobre racismo no futebol brasileiro.

Posteriormente a esta entrevista, resolvemos, eu e a orientadora deste trabalho, transformá-lo em uma análise da cobertura da mídia acerca do racismo, mantendo como pano de fundo os episódios da carreira de Andrade como treinador, narrados por estes veículos.

A fim de verificar a abordagem do racismo no jornalismo esportivo, selecionei três períodos marcantes da história recente do futebol, para analisar a atenção dada pelos jornalistas à questão racial. Primeiro, a efetivação do treinador Andrade no Flamengo em Julho de 2009. Depois, a vitória do Flamengo no campeonato brasileiro, em Dezembro de 2009. E, por fim, a demissão de Andrade, em Abril de 2010.

A pesquisa das matérias foi feita usando como base o mecanismo de busca do Google Notícias e a checagem nos próprios sites, pelas palavras-chave ANDRADE+TÉCNICO, nos períodos discriminados acima.

Após a separação das matérias, fiz a seleção de quais realmente se referiam ao técnico Andrade em qualquer nível – algumas matérias se referiam a um Andrade, volante do time Sport, de Recife e, posteriormente, jogador do Coritiba, e foram descartadas.

Ficaram, então, 271 reportagens que continham alguma referência ao treinador Andrade. As reportagens foram divididas, primeiramente entre as que o técnico Andrade era a principal fonte ou principal assunto, e as que apenas citavam o treinador. 98 tinham Andrade como o principal tema ou principal fonte da matéria e dessas, apenas duas tratavam da temática racismo.

Após a formatação desta estatística, passei para a análise mais profunda das matérias que falavam do técnico Andrade. Para a análise das reportagens, fiz uma pesquisa bibliográfica, para

embasar as minhas percepções acerca da abordagem do tema racismo no jornalismo esportivo.

Mídia e Racismo

A presença e a representação do negro na mídia brasileira são um bom termômetro do racismo no Brasil. A forma como os estereótipos são reforçados e as caricaturas repetidas dão conta de que o racismo está, de fato, arraigado na cultura nacional, embora não seja amplamente discutido nas telenovelas, por exemplo, onde é tratado como um “defeito”, uma exceção, como demonstra Araújo (2008).

O racismo brasileiro apareceu na telenovela somente como uma das características negativas do vilão, e não como um traço ainda presente na sociedade e na cultura brasileira. Até o final dos anos 90, poucas telenovelas trataram a discriminação racial contra o negro brasileiro de forma direta. Na teleficção, assim como na nossa sociedade, a vergonha de demonstrar o próprio preconceito, ou o “preconceito de ter preconceito”, conforme alertava o sociólogo Florestan Fernandes, criou o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceu o consenso em torno do mito da democracia racial brasileira. (ARAÚJO, 2008).

Esta percepção do racismo como uma exceção na sociedade torna a superação desta realidade mais complicada, pois o entendimento geral é de que a “maioria” é constituída por pessoas livres desta mácula, uma vez que o Brasil é um país mestiço. No entanto, o que Araújo (2007) nos mostra também, é que este parece não ser somente um problema brasileiro, e, sim, da América Latina, que deseja ser promovida a uma Europa.

Por trás disso está a coisa mais complicada com que brigar, que é, antes de tudo, a internalização do racismo na nossa cultura e nas nossas mentes. ~~Por~~ que o nosso imaginário latino-americano é baseado na vontade de fazer deste continente, um continente europeu. Na vontade de se tornar um continente branco. [...] Podemos ver também na novela mexicana, produzida em um país que tem quase 90% da população índio-mestiça, que a heroína ou é loira ou tem o cabelo pintado de loiro. E os atores com forte origem indígena aparecem como empregados domésticos, assim como os negros brasileiros. (ARAÚJO, 2007).

A repetição de práticas e ideologias racistas por parte da mídia, quando levamos em consideração o nível de inserção que as telenovelas, campanhas publicitárias e o jornalismo têm na vida dos brasileiros, toma um corpo muito relevante. A presença de menos de 10% de atores negros

nas telenovelas no horário nobre (ARAÚJO, 2007) não pode ser considerada mera coincidência, ainda que não seja fruto de uma decisão deliberada conscientemente pelos autores e produtores de telenovelas. O mesmo se pode dizer das campanhas publicitárias, que deixam visível a expressão racista da sociedade, onde a norma é ser branco e qualquer representação diferente dessa tem um lugar marcado, exótico, estereotipado.

Um exemplo triste, porém eficiente desta realidade, é a campanha promovida pelo Conselho Nacional de Justiça em 2009, para estimular empregadores a contratar funcionários egressos do sistema prisional. Na foto, aparece um homem, com o rosto dividido em dois lados. Em um, branco, e mais iluminado aparece a palavra *trabalho*. Do outro, escuro, negro e pouco iluminado, aparece a frase: *Volta ao crime*. E, logo abaixo, o slogan: *Ajude um ex-detento a fazer a opção certa*.

Um exemplo bem menos sutil da ideologia racista presente e vigente em nossa sociedade foi o da campanha United Colors of Benetton, feita nos anos 90 por Oliviero Toscani, que tinha como mote, exatamente mostrar situações onde negros, brancos e asiáticos estariam unidos, mas o que se percebe, é a reprodução de valores racistas.

Valores-notícia e Racismo

No jornalismo a expressão do racismo adquire outras nuances e formas, a mais comum delas é a invisibilização racial. Frequentemente o racismo não é abordado pelas redações nas inúmeras situações onde ele está presente, como no objeto desta pesquisa.

Uma das explicações ou justificativas para que o racismo não seja abordado nas notícias encontra-se na seleção primordial do jornalismo, do que é e do que não é notícia. Nestes parâmetros, o racismo não se constituiria em um valor-notícia, especialmente na editoria de esportes, analisada na pesquisa.

Silva (2009) traz em seu estudo sobre o jornalismo esportivo uma perspectiva sobre o que causaria esta falta de noticiabilidade de assuntos “incômodos” na editoria de esportes.

Da mesma forma, Maurício Stycer, ex-editor do periódico especializado em esportes *Lance!*, aponta o fato de que a maioria dos veículos privilegia a paixão, preocupando-se apenas em enaltecer o legal, o que apaixona as pessoas, o gol, a marca, o incrível, a vitória. E, talvez por essa razão, defende Mariante, o esporte acabe-se tornando assunto que as pessoas, mesmo os profissionais do jornalismo esportivo, tendem a não levar a sério [...]. (Silva, 2009. p.15)

Dentro desta perspectiva, fica evidente um caráter fundamental na definição do que é ou não notícia, que vai além da atualidade, proximidade e notoriedade, e que parece, inclusive, mais forte do que estes valores: a agradabilidade. O público ficará satisfeito de saber dessa notícia? O público da editoria de esportes está, naquele momento, interessado em saber de problemas sociais, dores, e máculas que possam afetar a imagem do seu time? Provavelmente não. E é essa agradabilidade que parece ser um valor-notícia que guia as redações, como demonstra Jorge (2009).

Quando se trata de definir o conceito de notícia pelo interesse do leitor, os jornalistas batem cabeças. Quem deve determinar o conteúdo dos jornais? Veículos contratam pesquisas para definir o perfil dessa entidade metafísica, enigmática e impositiva, o leitor. O público opina e avalia cada edição, monitorando acertos e erros. Mas devem os diretores de teatro, bem como os editores, guiar-se unicamente pelo critério de julgamento da platéia? Onde ficam os princípios da imprensa – formar, informar, entreter? E a missão – acrescentar dados para a reflexão, pautar discussões, levantar assuntos polêmicos ou obscuros, denunciar os descabros? Se os meios de comunicação de massa se contentarem em atender as expectativas do público, não tocarão em temas que possam incomodar, ou que provoquem controvérsias? O negócio seria deixar o leitor satisfeito, sem ansiedades. (Jorge, 2008, p.27)

O esporte ganhou um caráter de sublimação, que permite ao leitor e ao jornalista, uma espécie de escapismo da realidade. No momento do esporte, os problemas não mais existem. É neste espaço que o rigor formal do jornalismo é deixado de lado. As palavras não são rígidas, a piada e o humor são permitidos, mas essa leveza adotada na editoria de esportes não deve deixar o compromisso jornalístico de lado. Ao deixar ausente, camuflado, esquecido, ou editado um episódio de racismo, o jornalista falta com o compromisso primordial de informar, o que torna a editoria de esportes um setor de entretenimento dentro do jornalismo.

Mas não é somente no segmento esportivo do jornalismo que o racismo é negligenciado pelas redações. Em situações onde ele poderia ser, inclusive, o foco da reportagem, o fator cor é sumariamente deixado de lado, sendo substituído por outras formas de preconceito como a discriminação de classes.

Como um exemplo, segue um trecho da reportagem publicada no portal G1, quando o presidente do STJ, Ari Pargendler, demitiu sumariamente um estagiário negro que aguardava sua vez de usar um caixa eletrônico do banco do Brasil, atrás do ministro:

“Me senti discriminado, agredido verbalmente e fisicamente. Acredito que se fosse servidor, se estivesse melhor vestido, o tratamento seria diferente. Pior é que eu contava com esse trabalho, com o dinheiro. Fiquei em prejuízo”, afirmou Santos, que mora em Valparaíso, cidade do entorno do Distrito Federal a cerca de uma hora do centro da Capital. Ele recebia R\$ 750 por mês. (SANTOS, Débora. 22/10/2010).

Ao finalizar a reportagem com uma aspa onde o estagiário afirma ter se sentido discriminado, a reportagem explica motivos que legitimam essa sensação, como o fato de ele morar na periferia e receber R\$ 750, mas omite o fato de o estudante ser negro como uma das possibilidades de discriminação. Corroborando a ideia de que, no Brasil, um indivíduo pode ser discriminado por ser pobre, mas o fato de ser negro não faz a menor diferença, o que não colabora para uma mudança do quadro do racismo brasileiro.

Racismo e Agenda-Setting

Ainda que o racismo não seja abordado a contento, pelo menos à primeira vista, por nenhuma editoria dos veículos de comunicação em geral, quando se trata de esportes, a abordagem é restrita ao factual. Poucas reportagens são dedicadas a discutir a questão do racismo, como mostra Leitão (2007).

Ela [a discussão do racismo] não pode ser feita só em um evento: um dia, um negro que já chegou na classe média é barrado no elevador social de um prédio. Então sai a matéria com a foto, os amigos se solidarizam, mas o caso é apresentado como um episódio exótico. Não existe uma cobertura diária sobre o fato de que 84 milhões de brasileiros são tratados de forma inferior, têm os piores empregos e os piores salários, são barrados ao longo da vida inteira por barreiras fortes, poderosas e invisíveis a olho nu. O Brasil tem que discutir o racismo se quiser ser grande, se quiser ser forte, se quiser ter uma economia viva. (Leitão, 2007. p. 44)

A questão racial, quando muito, aparece quando existem fatos como os mostrados por Miriam Leitão, na citação acima, e nas efemérides como 13 de maio e 20 de novembro. O esforço

maior parece ainda ser o de mostrar um Brasil onde as pessoas não têm cor.

Este esforço contribui para que o racismo não entre na pauta das discussões, embora seja percebido cotidianamente pelas pessoas que sofrem com ele. E com o racismo fora da “ordem do dia” das discussões, ficamos cada vez mais distantes de uma solução para o problema.

A discussão de temas na mídia, pauta as discussões em outras esferas da sociedade. O simples fato de certo tema estar na mídia não garante o posicionamento do leitor, mas aumenta as chances de o receptor pensar sobre os temas ali abordados, ao passo que a ausência dessa abordagem pode significar a falta de conhecimento desta questão para o grande público.

Se é verdade que a imprensa pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa. (COHEN, 1963. *apud* WOLF, 2005).

Partindo deste princípio, é fundamental que os jornalistas parem de ignorar reforçadamente a cor das pessoas retratadas nas notícias, ou de apenas atribuir cor às pessoas quando a pauta pressupõe um “personagem” negro.

A Pesquisa

Este tópico detalhará a análise feita a partir das 271 reportagens publicadas nos períodos de Julho de 2009; Dezembro de 2009 e Abril de 2010, nos sites Uol Esportes, Globoesporte.com e Lancenet.

As matérias foram divididas entre as que tratavam Andrade como o principal tema ou fonte da matéria, como quando a contratação dele era o tema principal, ou a opinião dele acerca de alguma questão era a mais importante; e entre as matérias em que Andrade era apenas mencionado, sem ter importância ou participação efetiva na reportagem.

JULHO / 2009



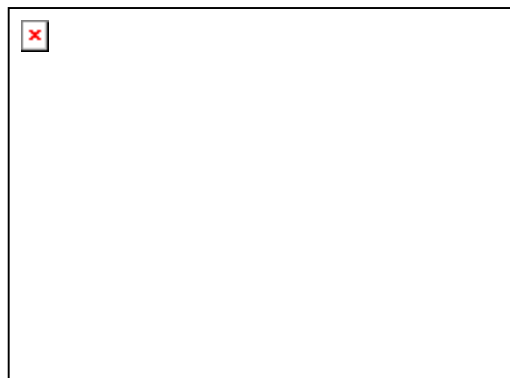
Em Julho de 2009, quando Andrade assumiu interinamente o Flamengo, a distribuição das matérias que citavam Andrade de qualquer maneira era (gráfico da esquerda):

- 20 no site UOL Esportes
- 33 no site Globoesporte.com e;
- 18 no site Lancenet.com

Quando atentamos o olhar apenas para as matérias que tratam Andrade como assunto principal, ou principal fonte da matéria (gráfico da direita), a distribuição é a seguinte:

- 9 matérias no site Uol Esportes
- 13 matérias no site Globoesporte.com e;
- 8 matérias no site Lancenet.com

DEZEMBRO/ 2009



Em dezembro de 2009, quando Andrade foi campeão Brasileiro no comando do Flamengo, a distribuição das matérias que o citavam de qualquer maneira era (gráfico da esquerda):

- 37 no site UOL Esportes
- 30 no site Globoesporte.com e
- 28 no site Lancenet.com

As matérias que tratam Andrade como assunto principal ou principal fonte da matéria foram distribuídas da seguinte maneira (gráfico da direita):

- 11 no site UOL Esportes
- 13 no site Globoesporte.com e
- 12 no site Lancenet.com

ABRIL / 2010



Em Abril de 2010, quando Andrade foi demitido do Flamengo, a distribuição das matérias que o citavam de qualquer maneira era:

- 20 no site UOL Esportes;
- 61 no site Globoesporte.com e
- 24 no site Lancenet.com

As matérias que têm Andrade como principal assunto ou fonte foram distribuídas da seguinte maneira:

- 2 no site UOL Esportes;
- 19 no site Globoesporte.com e
- 9 no site Lancenet.com

Em Julho de 2009, o treinador Cuca foi demitido do comando do Flamengo. Há quatro partidas sem vitórias, a situação do treinador ficou insustentável. Foi então que, pela sétima vez, Andrade, que era auxiliar, assumiu o comando do time interinamente.

Andrade levou o time a quatro vitórias consecutivas, mas seu nome ainda não era cogitado como treinador, e nenhum motivo era apresentado para isso. Matérias do período dão conta de que vários outros técnicos foram contactados na tentativa de fecharem acordo com o time.

O nome de Andrade começou a ser publicamente cogitado quando, no dia 30 de Julho, numa partida contra o Atlético Mineiro, a torcida gritava: “Fica, Andrade!”. Embora a presença de jogadores negros seja considerada comum, e até um dos estereótipos atribuídos ao homem negro - força, agilidade e a malandragem do drible, são características consideradas particularmente negras - quando o assunto é a elaboração de estratégias, o uso do intelecto e a imagem de “professor”, atribuída aos treinadores, o que se percebe é a ausência de negros.

Segundo José Jairo Viera:

[...]existiriam padrões subjetivos que, em última instância, definiriam a distribuição de jogadores nas diversas posições, fazendo com que, naquelas usualmente associadas a características como: liderança, inteligência, controle emocional e habilidade para tomar decisões sob pressão, houvesse elevada representação de profissionais brancos. Em oposição, percebeu-se que para onde costumeiramente temos maior presença de jogadores negros, “exigiam-se” características como: força, velocidade, rapidez, alta emotividade e bons instintos. (Edwards, 1973).

Uma situação que ilustra bem este fato, é a presença de apenas dois treinadores não – brancos na seleção brasileira de futebol: Gentil Cardoso, na década de 1950 e Vanderlei Luxemburgo na década de 2000 (VIEIRA, 2003).

Reportagem publicada no UOL Esportes (30/7), no auge das dúvidas sobre quem seria o treinador do Flamengo, traz um elemento que pode servir para a análise da situação que o time vivia em relação ao preconceito racial:

Ainda nesta quinta-feira, o vice de futebol do Flamengo, Marcos Braz, foi questionado sobre o novo treinador. O dirigente não quis entrar muito no mérito da questão, mas deu a entender que Andrade poderá ser efetivado, caso o time triunfe sobre os pernambucanos. “Qualquer técnico de renome fica ou não no cargo em função dos resultados. *Não podemos ter qualquer tipo de preconceito em relação ao Andrade*, que foi campeão do mundo como jogador do Flamengo e está há muito com a gente. Os resultados estão aparecendo e pode ser que o planejamento mude. Vamos ver na segunda-feira”, contou.

A fala do então vice-diretor de futebol é, no mínimo, intrigante. Por que, em meio às discussões e questionamentos sobre os possíveis treinadores do Flamengo, a frase “Não podemos

ter qualquer tipo de preconceito [...]” aparece quando Andrade é incluído no tema? Porque Andrade era vítima de racismo dentro do Flamengo e Marcos Braz, assim como outros membros da diretoria do clube sabiam.

Nas palavras do próprio Andrade, “Enquanto eu estava pegando bola, era um cargo pra negro, eu não incomodava ninguém. Mas a partir do momento que você passa a assumir um time de ponta, você passa a incomodar muita gente” (informação verbal)⁴.

A reportagem “Com projeto compatível, Sérgio Guedes deve ser o novo técnico do Fla”, (Uol 27/07) permite que se perceba este incômodo na possível ascensão do treinador:

A negociação está tão adiantada, que até mesmo o caso de Andrade, hoje técnico interino do Rubro-Negro, já foi discutido e solucionado. Sérgio Guedes estaria disposto a ter Andrade como seu auxiliar, uma das exigências da diretoria do clube da Gávea.

Os bons resultados apresentados por Andrade nos sete anos que trabalhou como auxiliar e nos dois jogos que já tinha comandado como interino no campeonato brasileiro de 2009 eram, de fato, percebidos pela diretoria, que não gostaria de perdê-lo, mas também não estava disposta a ter o treinador como o principal homem no comando do time, por alguma razão.

Segundo Muniz Sodré, essa razão é o *Gesichtskontrolle* (controle de rostos), que é a “decisão cotidiana sobre quem pode entrar em clubes, boates, restaurantes de luxo ou mesmo ser aceito para seguros de automóveis. O nome da prática é alemão, mas sua incidência é transnacional” (p.17). É o que se observa no tratamento reservado a Andrade durante as negociações para a escolha do novo treinador do Flamengo, e por parte dos clubes que não o procuraram nem o contrataram quando foi dispensado pelo time rubro-negro. A despeito de ser um treinador campeão brasileiro, ele não faz parte do perfil de comandante de clubes.

Não teria o *Gesichtskontrolle* de Muniz Sodré conexão com a hipótese do agenda-setting de Wolf? O controle de rostos não estaria também ligado aos temas e aos rostos que aparecem na mídia?

Em nenhuma das duas ocasiões, as reportagens discutiram ou levantaram a questão do preconceito racial, de modo a enfrentá-la ou denunciá-la.

4 Em entrevista à autora no dia 09/04/2011.

Em 6 de dezembro de 2009, algumas horas antes da conquista do Campeonato Brasileiro, foi publicada a matéria “Andrade tenta 1ª taça de um negro no banco”. Pela primeira vez, a cor de Andrade não era invisibilizada.

Nesta matéria, o repórter Ítalo Nogueira, afirma que o treinador sofreu, sim, racismo, ao entrar para o comando do time:

Companheiro de jogadores como Zico e Junior, na década de 80, Andrade venceu a desconfiança e até o racismo ao assumir o clube pelo qual conquistou quatro títulos brasileiros -o de 1987, não reconhecido pela CBF. O quinto obteve com a camisa do Vasco. [...]Desde 2004, o ex-volante assumiu por sete vezes o Flamengo -cinco interinamente. Auxiliar técnico funcionário do clube, ele tirou a equipe da Série B com uma série de bons resultados nas rodadas finais no Brasileiro-2004. Mesmo assim, foi sub de nove técnicos até ser efetivado neste ano. [...]Em 2004, Junior, então gerente de futebol, tentou efetivá-lo no cargo. Ele conta ter ouvido, em meio aos comentários sobre a inexperiência do treinador, argumentos racistas contra a efetivação de Andrade."No momento de colocações de virtudes e defeitos, vieram comentários deste tipo. Além da inexperiência no cargo, diziam que era um negro sem boa dicção", lembrou Junior.

Esta reportagem deixa evidente a existência da discriminação racial sofrida por Andrade, e também que, assim como as pessoas no entorno de ações de discriminação percebem o ato – como o ex-gerente de futebol, Junior – o jornalista também pode – e deve – se posicionar de modo a contribuir para a mudança de quadro social do racismo.

No dia seguinte à conquista do Campeonato Brasileiro, o UOL Esportes publicou mais uma reportagem com a temática racial. Com o título “Campeão, Andrade diz ter sido vítima de preconceito racial no Flamengo” o repórter Marlos Bittencourt inicia a sua matéria:

Num país cuja formação racial é a miscigenação de negros, índios e brancos, Andrade, que carrega no currículo seis títulos brasileiros (cinco como jogador e um como técnico) sofreu discriminação racial dentro do Flamengo, clube no qual ajudou a escrever a história, por ser negro. Em 2004, quando assumiu o comando do time ao lado de Adílfo, outro ídolo da nação rubro-negra nos anos 80, foi ridicularizado por um dirigente da base.

A primeira frase da matéria traz a formação miscigenada do Brasil, como se fosse, por si só, motivo para que Andrade não fosse discriminado, um pensamento muito comum e recorrentemente trazido à tona quando o tema é racismo, o que contribuiu para a negação da existência de diferentes raças, e conseqüentemente, para a negação do racismo. Tal negação pode ser atribuída ao mito da democracia racial, muito arraigado no imaginário brasileiro. “Tal mito pressupõe não apenas relações amistosas e cordiais, mas também igualdade de oportunidades” (ROSEMBERG e SILVA, 2008)

A reportagem prossegue:

"Em 2004, quando eu e Adílio assumimos o time do Flamengo, um diretor das categorias de base disse que o futebol tinha virado "urubu Flamengo". Foi um comentário maldoso, errado e desrespeitoso comigo e com Adílio. Dei a volta por cima e estou muito feliz com a conquista do título. Quanto ao camarada, prefiro não dizer quem foi", afirmou.

O técnico diz ter a certeza de que em todos esses anos como funcionário do clube nunca assumiu definitivamente o comando do time por ser negro. Mas, desta vez, o vice de futebol Marcos Braz acreditou que Andrade poderia conduzir o Flamengo ao topo do Brasil. Segundo o treinador, o dirigente o apoiou nesta difícil caminhada no Brasileiro. "Como no início de todas as profissões a gente é visto com desconfiança. Muitos não acreditavam que poderíamos conseguir, principalmente porque tem o negócio da minha cor. Marcos Braz me deu a oportunidade que precisava e provei que tenho competência para ser técnico de um clube como o Flamengo", disse.

A narrativa desses episódios, feita por Andrade, nos mostra que, assim como ficou subentendido nas palavras de Marcos Braz, meses antes da publicação desta reportagem, o racismo se fez presente por toda a trajetória de Andrade dentro do Flamengo e mesmo depois, e estava lá para quem quisesse ver e noticiar.

Quando da demissão do treinador, nada se falou sobre racismo. Apenas em setembro de 2010, cinco meses após a saída de Andrade, foi ao ar no programa Esporte Espetacular, da Rede Globo, uma matéria que questionava o fato de um treinador campeão brasileiro estar desempregado há cinco meses e abordava de maneira específica o racismo sofrido por ele.

A matéria foi repercutida pelos sites da Folha de São Paulo e do O Globo, no dia seguinte. Mas nenhuma reflexão foi feita acerca do tema por estas reportagens. No final do mesmo mês, Andrade foi contratado pelo Brasiliense.

Referência Bibliográfica

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *In: Estudos Feministas*. Florianópolis 16(3): 979-985. Setembro-Dezembro, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>

_____. A Estética do Racismo. *In: RAMOS, Silvia (Org). Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. Manual de jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2010.

BELLOS, Alex. Futebol: O Brasil em Campo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CARRANÇA, Flávio. **BORGES**, Rosane da Silva. Espelho Infiel: O negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do Foca: Guia de Sobrevivência para Jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITÃO, Miriam. A imprensa e o racismo. *In: RAMOS, Silvia (Org.) Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. A imprensa Negra no Brasil do Século XIX. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, Verônica Lima Nogueira. **Jornalismo esportivo ou de entretenimento: discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica; Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2009.**

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros. Petrópolis: Vozes, 1999.

VIEIRA, José Jairo. Considerações Sobre Preconceito e Discriminação Racial no Futebol Brasileiro. In: Teoria e Pesquisa 42 e 43. São Carlos: UFSCAR, 2003. Disponível em: <http://teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/62/52>

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação de Massa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Memorial de Pesquisa

A caminhada até a descoberta do meu tema de pesquisa passou por alguns caminhos. Antes de ter qualquer ideia sobre o que eu realmente faria no meu projeto final, eu queria analisar mídia e racismo, e cheguei a ter algumas ideias que penso em reaproveitar mais adiante. Mas o primeiro caminho em direção ao que este trabalho realmente se tornou foi um “clic”. Quando assisti a reportagem de Régis Rösing sobre o desemprego do treinador Andrade, percebi que gostaria de falar sobre a história de vida daquele homem que aparecia ali. O objetivo inicial era fazer uma grande reportagem, remontando vida de Andrade desde os tempos de camisa seis do Flamengo.

Primeiro comecei a ler o que me aparecia pela frente sobre a história do clube, conversar com flamenguistas “das antigas” e querer entender mais qual era o clima do time naquele período. O destino, a coincidência, os caminhos da vida me ajudaram. Naquele mês Andrade veio treinar o Brasiense. Era o meu sinal. Amém, Aláfia! Era isso mesmo que eu tinha que fazer.

Fui até ele, mostrei as ideias e ele topou tudo em menos de cinco minutos. Então comecei a procurar bibliografia sobre futebol, sobre perfil jornalístico e grandes reportagens. Chegou o ano de 2011, Andrade não treinava mais o Brasiense e eu descobri que seria mãe. Isso deu uma reduzida considerável no meu ritmo e produtividade, mas eu ainda queria fazer o livro-reportagem.

Mas o tempo passou e ficou difícil conciliar tempo com faculdade, projeto final, estágio e gestação. Então, a professora Elen Geraldine, orientadora, calmante e fonte de esperança sugeriu que transformássemos a grande reportagem em uma análise da cobertura da mídia acerca do racismo, ainda utilizando Andrade como o centro da questão. Aceitei e fui logo atrás da nova bibliografia.

Conheci e ouvi falar pela primeira vez em Laurence Bardin, por sugestão da professora Elen. Reencontrei-me com alguns autores lidos anteriormente como Muniz Sodré e Kabengele Munanga, e percebi a diferença que faz reler um autor quando o seu tema de pesquisa já está definido.

Depois de separada a bibliografia, comecei o trabalho braçal de encontrar, separar e ler todas as matérias que falavam de Andrade nos sites que eu me propus a analisar, que foram o Lancenet, Globoesporte.com e Uol Esportes.

Nesse momento eu entendi o que Laurence Bardin queria dizer com “investigação laboriosa de documentos”. Mas também o momento em que mais me senti perto de realizar o trabalho ao qual havia me proposto, e o momento em que percebi a necessidade de que esta pesquisa fosse realizada.

Das 271 reportagens que encontrei, apenas duas falaram abertamente da questão racial e do preconceito sofrido por Andrade enquanto treinador de futebol, embora o racismo fosse perceptível em outras matérias, ele nunca foi abordado pelos repórteres.